

Editorial

A Pensar a Prática inicia o seu vigésimo terceiro ano de publicações em meio a uma pandemia, resultado da transmissão do coronavírus (SARS-CoV2), que desencadeia a Covid-19. Esse vírus tem rápida disseminação e alta letalidade, quando comparado a outros como o H1N1, embora, de acordo com os especialistas, ainda estamos no início dessa grave epidemia de ordem mundial. Por isso, o surto do novo coronavírus foi reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional.

Os efeitos da pandemia têm preocupado e mobilizado todos os setores da sociedade. A maior preocupação é, sem dúvida, com a capacidade do sistema de saúde em comportar a crescente demanda por medicamentos e insumos. Em situações de agravamento do quadro de cada paciente, a necessidade de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) cresce rapidamente, tendo em vista que uma parcela das pessoas é acometida por uma Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG).

Coube ao poder público liderar as políticas e ações de enfrentamento à pandemia. No Brasil, tiveram papel de destaque o Ministério da Saúde, as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, com aporte a toda a estrutura do Sistema Único de Saúde (SUS).

Outro aspecto que merece ser mencionado no enfrentamento do Covid-19 é o papel decisivo da ciência, do conhecimento científico e profissional. Seja no esclarecimento à população, na tomada de decisão de gestores públicos ou na prática dos profissionais da saúde, o recurso ao conhecimento científico é um imperativo.

Em meio às incertezas geradas no contexto de crise, seja na saúde ou na economia, é na ciência e no conhecimento científico que as autoridades deveriam buscar as soluções e alternativas, considerando acima de tudo a vida das populações mais vulneráveis.

Evidentemente, ao focalizarmos essa temática, não estamos advogando o conhecimento científico como verdade inquestionável. Ao contrário, reconhecemos o seu caráter provisório e falível, porém, em hipótese alguma, relativizamos a rigurosidade do método científico como forma de conhecimento, sendo este a melhor forma de saber a se adotar nesta situação.

Por outro lado, ao renovar a crença no conhecimento científico, considerando que o mesmo vinha perdendo sua credibilidade frente às *fakenews* e à construção da pós-verdade, a pandemia escancarou a situação precária em que se encontra a prática científica no Brasil. O voluntarismo e solidariedade demonstrada por inúmeros pesquisadores foi acompanhada da exposição de instalações insalubres, escassez de equipamentos e insumos de pesquisa, corte de bolsas de mestrado e doutorado etc. O desmonte do sistema de pesquisa e pós-graduação brasileiro está cobrando o preço, pois, estes fatos acabaram aprofundando a dependência do país quanto aos procedimentos mais adequados, a falta de testes, medicamentos, equipamentos de proteção individual (EPI), entre outros. Esse é o quadro atual do país, apesar de sabermos do potencial das pesquisas de alto nível em todos os campos de conhecimento, inclusive, quando pesquisadoras brasileiras conseguiram sequenciar o RNA do vírus em poucos dias.

Considerando o foco e escopo da *Pensar a Prática*, não poderíamos deixar de mencionar que, em tempos de pandemia, o desprezo e o subinvestimento das pesquisas em ciências humanas e sociais também têm as suas consequências. Contraditoriamente, em épocas de crise, há uma abertura para o “social” na saúde, expressa em maior intervenção, planejamento e introdução de novas práticas. Nesse sentido, a tensão entre salvar a economia e a própria pele são renovadas.

Os cientistas ainda tentam entender essa pandemia inclusive em sua constituição social, mas é possível dizer que a ciência nos coloca em outro patamar em relação às pandemias do passado. A ação coletiva na peste bubônica, por exemplo, foi autoritária e burocrática porque possuíamos explicações imprecisas que convi-



Editorial

Heitor de Andrade Rodrigues • Heitor Martins Pasquim • Tadeu João Ribeiro Baptista

viam com uma ciência experimental incipiente. Hoje saber como ocorre a transmissão do vírus e sua reprodução social permite que façamos escolhas baseadas em evidência. Por isso, voltar à normalidade que equipara a ciência às convicções pessoais ou simplesmente afirmar que o mundo já mudou não são suficientes. É necessário desde hoje pensarmos o amanhã.

Heitor de Andrade Rodrigues

Heitor Martins Pasquim

Tadeu João Ribeiro Baptista